

A resposta dos cristãos nas tempestades da vida e da história só pode ser misericórdia: amor compassivo entre nós e para com todos, especialmente aqueles que mais sofrem, aqueles que mais lutam, aqueles que estão mais abandonados... Não o pietismo, não a assistência, mas a compaixão, que vem do coração. E a misericórdia divina vem do Coração de Cristo, do Cristo Ressuscitado.

Papa Francisco, *Regina Caeli*, 19 de abril de 2020.



# Boletim de Espiritualidade

1 MAIO 2020  
Ano VII Nº 69

69



## Acompanhamento espiritual



Este tempo de confinamento tem sido também um tempo de reinvenção de novas formas de animar a vida pastoral da Igreja, concretamente no campo espiritual. E mais concretamente, quanto ao acompanhamento ou direção espiritual, têm aparecido formas criativas de o manter vivo para que os cristãos, que dele precisam, possam sentir-se acompanhados e continuar a crescer humana e espiritualmente. Este Boletim de Espiritualidade, editado pelos Carmelitas Descalços que sempre dedicaram uma atenção especial ao acompanhamento espiritual, quer ampliar a divulgação de alguns destes serviços que se foram organizando e oferecendo nas diferentes dioceses e institutos religiosos. Aqui deixamos algumas das várias iniciativas que têm surgido um pouco por todo o país. No próximo número contamos enriquecer este elenco com iniciativas semelhantes que ainda não conhecemos:

- \* Arquidiocese de Braga, com o projeto «Um ouvido com c'oração», dispõe de 5 sacerdotes que atendem das 9 às 21h. Contacto: 800 210 114.
- \* Diocese de Évora, com um grupo de sacerdotes que atendem das 17h às 20h. Contato: 969 218 163.
- \* Diocese da Guarda, com o projeto «Rostos de fé», com 20 sacerdotes que estão disponíveis para agendar marcação através de mensagem privada no Facebook ou no Instagram.
- \* Carmelitas Descalços, que mantêm o serviço de atendimento em todos os seus conventos; aceder em [www.carmelitas.pt](http://www.carmelitas.pt).
- \* Jesuítas, que atendem de segunda a sexta-feira, das 15h às 16h30, por marcação. Contacto: 217 543 060.
- \* Paróquia de São Nicolau (Lisboa), que atendem por marcação. Contatos: [acolhimento@paroquiasaonicolau.pt](mailto:acolhimento@paroquiasaonicolau.pt) ou 218 879 549.

Também o Centro Internacional Teresiano-Sanjoanista (CITeS) de Ávila - [www.mistica.es](http://www.mistica.es) - disponibiliza este serviço de acompanhamento espiritual em língua espanhola. Para melhor aprofundarmos este tema do acompanhamento espiritual na vida da Igreja, aconselhamos a visualização dos vídeos do Congresso sobre Discernimento Espiritual, realizado de 21 a 23 de outubro de 2016, em Fátima: [www.multimedia.carmelitas.pt/congressos](http://www.multimedia.carmelitas.pt/congressos) ou então a leitura da respetiva Revista de Espiritualidade que recolhe as conferências deste evento: [www.carmelo.pt](http://www.carmelo.pt). Agradecemos mais informação sobre iniciativas idênticas para que este Boletim, que visa promover sobretudo iniciativas no campo da espiritualidade, as possa divulgar. É claro que além destes serviços mais organizados, sabemos como tantos cristãos se dedicam informalmente a este atendimento humano e espiritual para que ninguém experimente um isolamento e solidão para além das suas forças. A disponibilidade de alguém para escutar, por telefone ou videochamada, como o simples e generoso gesto de dar tempo ao outro, são atos de amor que geram vida à nossa volta. Escutar, à luz do Evangelho e dos grandes mestres espirituais, e abrir novas perspetivas de leitura da realidade pessoal e familiar, são condições para transformarmos os momentos de prova em oportunidades de crescimento humano e espiritual.

## Revista de Espiritualidade



A Revista de Espiritualidade, propriedade das Edições Carmelo, disponibilizou o acesso a um maior número de revistas em formato digital ([www.carmelitas.pt](http://www.carmelitas.pt)).



# Maio e Maria, sem Fátima

Armindo Vaz, OCD

Há mais de cem anos que o mundo vai ajoelhar-se aos pés da Virgem Maria em Fátima no mês de maio. Realmente, para os portugueses, maio rima com Primavera. Mas também com Fátima. É particularmente em maio que lá vão em peregrinação elevar até ao céu o que lhes vai na alma. Vão ter com a Mãe, a do Filho de Deus. E à mãe conta-se tudo. Vão 'dizer' a alegria que não são capazes de conter por terem beneficiado da cura ou da libertação de um grande mal, humanamente irrealizáveis. Vão contar a angústia de «querer e não poder», causada pela ditadura trituradora e mortífera de tantos males e inevitáveis estragos que o sofrimento traz à vida quotidiana. Vão à procura de sentido para as dores, penas e trabalhos, pensando que os suportarão se lhes encontrarem sentido final, já que as alegrias são fáceis de 'integrar' na vida. Enquanto F. Pessoa terá pensado que "a vida é um mal, digno de ser vivido", quem acorre a Fátima com fé e com o pensamento na Mãe de Jesus pode meditar: a vida é um bem inestimável; e o mal que contém também é digno de ser vivido.

Levar "os espinhos e abrolhos" da vida diante do altar da Mãe – na recitação sussurrada, murmurada, arrastada ou ajoelhada de preces, rogações e ladainhas insistentes – dá alguma dominação sobre os duros embates da fragilidade humana. O peregrino de Fátima sabe bem que continuará a embrulhar os valiosos presentes da sua vida num papel que afinal se rasgará, porque as suas histórias são retalhos da vida de alguém que está *a caminho*. Mas a sua oração humilde e fervorosa, procurando 'solução' para o *mistério* do humano, realiza o prodígio de tornar possível o impossível e de evitar o *trágico* na aceitação da vulnerável condição humana. Através da fragilidade da oração, vai-se reconciliando consigo próprio e com as suas limitações, com os que a ele se unem em peregrinação, com a natureza que vai contemplando e com Deus, sentido radical de todas as coisas. Com isto, a oração em Fátima deixa ver o seu carácter sapiencial, fator essencial de humanização da vida e dos seus aspectos sombrios. Tem o poder lenitivo de conforto ou de cura contra a natureza humana necessariamente sofredora, mortal. O peregrino orante sente necessidade de uma Mãe intercessora, para lhe dizer com súplicas silenciosas, cânticos polifónicos, lamentações de medo e louvores de gozo, a sua impotência perante o mal: a epidemia, a doença, as desventuras, os insucessos, as opressões e violências...; precisa da Mãe do Filho de Deus, sumamente compreensiva, a quem 'gritar' o excesso do sofrimento humano. Ele sabe que o sofrimento é *surdo*: para não ser *absurdo* só uma Mãe ligada a Deus o pode escutar, compreender e transfigurar. A oração, dando voz à sua dor, revela-lhe e brinda-lhe uma experiência de Deus como salvador, que aceita o impertinente sofrimento por amor.

Mas, por causa da pandemia demoníaca que a História recordará irrefragavelmente, o maio deste ano veta a experiência gozosa de peregrinar a Fátima. Ora, essa contingência viral, em vez de suscitar tristeza, pode ser explorada para sondar outros recantos da oração peregrina. De facto, orar é sempre pôr-se a caminho em direção à bondade, à



beleza e à transcendência, aneladas pela própria oração. É percorrer, entre o desespero e a esperança, entre o medo e a confiança, os sinuosos caminhos da vida. Se este mês de maio está a sofrer o choque assustador de um inimigo invisível, sempre poderemos rezar partindo do nosso meio. E continuaremos a sentir a oração como constitutiva do ser humano, que faz caminho ao andar. A oração retrata o verdadeiro rosto espiritual de quem reza, sobretudo quando se exprime na escuta. O Deus Pai e a Mãe a quem reza e a quem escuta estão aquém do *lugar* em que os invoca e escuta.

Escuta! O orante só saberá que Deus e a Virgem celeste podem falar com os humanos se ele próprio se sentir interpelado. Foi a experiência que, pelo visto, os pastores de Fátima fizeram. Uma oração que tenha como sujeito um observador neutral passa ao lado daquilo que é a mais autêntica prece cristã. De facto, esta tem o carimbo da oração incarnada de Jesus. Não é a um deus qualquer. Dirige-se ao Deus de Jesus. É um ato cheio de sentido, vá o orante a Fátima ou não: leva até Deus a história e as histórias de um "irmão" de Jesus, precisamente pela mediação dele: "Vai ter com os meus irmãos e diz-lhes: Subo para o meu Pai, que é vosso Pai, para o meu Deus, que é vosso Deus" (Jo 20,17). Que o Filho de Deus tenha incarnado em Jesus e na história dos humanos significa que o Pai aceitou mostrar no Filho a sua paixão por eles, também em luta com o mal físico e moral. E foi aí, na luta com a morte, que Jesus encomendou todos os seus "irmãos" ao cuidado da mãe: "Disse à mãe: Mulher, eis o teu filho. Depois disse ao discípulo: Eis a tua mãe".

Os que vão a Fátima e os que lá não vão *têm uma Mãe*. Em qualquer *lugar*, podem invocá-la como Senhora de Fátima e esperar ser atendidos: "Do seio da Virgem a esperança brilhou para nós" (S. Efrém).

# Teresa dos Andes

I Centenário da Morte de Santa Teresa dos Andes

Saverio Cannistrà, OCD  
Prepósito Geral



No dia 12 de abril de 2020, celebra-se o primeiro centenário da morte de Teresa dos Andes, uma jovem carmelita chilena, que entrou no Carmelo da cidade de Los Andes a 7 de maio de 1919 e morreu a 12 de abril de 1920, aos vinte anos de idade e 11 meses de vida religiosa.

Num curto espaço de tempo, ela percorreu um admirável caminho de santidade e deixou-nos uns preciosos escritos, onde nos narra a sua experiência e o seu itinerário espiritual.

Por este motivo, quero oferecer a toda a Ordem – irmãs, frades e carmelitas seculares - alguns pontos de reflexão, como um convite a imitar a vida desta santa, chamada a "pequena Teresa" do Chile.

Desenvolvo a minha reflexão em quatro pontos, seguindo a ordem cronológica do seu itinerário espiritual.

## *Testemunho de vida. Alguns dados biográficos*

Embora ela seja conhecida como Teresa dos Andes, o seu nome religioso é Teresa de Jesus, como a da nossa Santa Madre, a quem ela professa uma grande devoção. Apesar do nome lhe parecer grande demais para ela, quer chamar-se Teresa de Jesus "para que Jesus possa dizer-lhe a ela que Ele é o Jesus de Teresa".

Nasceu a 13 de julho de 1900 em Santiago do Chile. Os seus pais são Miguel Fernández Jaraquemada e Lucía Solar Armstrong, de ascendência espanhola. No batismo recebe o nome de Juanita Enriqueta Josefina dos Sagrados Corações Fernández Solar. Conhecemo-la pelo nome de Juanita; é a quarta de seis irmãos, que a amam com loucura; é a irmã mais amada por todos.

Juntamente com Rebeca, a sua irmã mais nova que a seguirá, após a sua morte, no Carmelo de Los Andes, recebe uma esmerada formação no Colégio do Sagrado Coração, uma das melhores escolas de Santiago do Chile, onde estuda até aos 18 anos com resultados brilhantes. Mas, sobretudo, recebe uma refinada formação cristã no seio de uma família abastada e muito católica, porque Deus "não quis que ela nascesse pobre", embora se venha a tornar pobre por Ele: "Só quer a Jesus".

## A vida em Cristo

Nicolau Cabasilas



Encontramo-nos diante da obra fundamental e original da teologia espiritual bizantina, que liga intimamente a santidade e os mistérios, numa visão

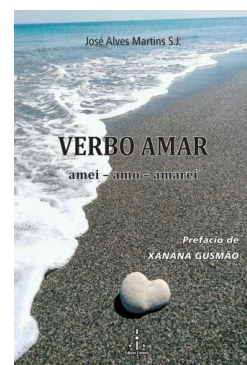
mística do mundo. Não pode, contudo, considerar-se um tratado de iniciação aos mistérios (Iniciação cristã), porque a explicação ritual é secundária. Existe, porém, uma exceção para o livro V, que descreve e interpreta o rito da consagração do altar. O objeto do discurso é a vida cristã, como vida de união a Cristo, que se comunica a nós através dos sacramentos.»

Publicação: Secretariado Nacional de Liturgia

## Verbo Amar

amei - amo - amarei

José Alves Martins SJ



Livro precioso, escrito em forma de carta, como lhe chama o autor, José Alves Martins (SJ), dizendo que «é o reflexo do sentido da partilha e do sentido da própria

vida onde as palavras nos ajudam a dar forma ao que somos e vivemos, mas acima de tudo, ao que amamos», embora «Pensar, reflectir, escrever sobre o amor, não é tarefa fácil» (da Introdução). É interessante, e sintomático, o Prefácio escrito por Xanana Gusmão, o grande líder timorense nos tempos da ocupação daquele território. Manifesta-se como «grande amigo» do autor a quem elogia pelo trabalho que fez, pelas palavras belas e sempre apropriadas que dirigiu a todos, sobretudo nos momentos mais difíceis, pelo exemplo que sempre deu. Quase a concluir agradece «as lições que retirei deste vulgar meio de comunicação sobre o Amor, como uma dádiva divina, que o ser humano deve ter constantemente como guia na sua atarefada, ou não, vivência com outros!» (do Prefácio).

Publicação: Edições Carmelo



Nas férias de verão passa longos períodos na propriedade familiar Chacabuco, perto de Los Andes. Dedicar longos momentos à oração diante do Santíssimo Sacramento, catequiza os filhos das famílias que trabalham na fazenda, participa nas missões que são organizadas para essas famílias, cuida dos trabalhadores da fazenda e ajuda os pobres que batem à sua porta

Também pratica desporto e com as suas amigas dá grandes passeios a cavalo pela Cordilheira dos Andes; é uma "perfeita amazona". Mas no seu horizonte está sempre presente o ideal do Carmelo, que um dia projeta abraçar.

Concluídos os estudos, revela à sua irmã Rebeca um dos seus segredos mais bem guardados: o seu desejo de ser religiosa. Teve de lutar por ele e superar muitas dificuldades; entre elas, a oposição, especialmente do seu pai, que idolatrava a sua filha mais querida, e a dos seus irmãos, que não viam sentido na sua vocação.

Mas ela não desiste dos seus esforços. A 5 de setembro de 1917 escreve pela primeira vez ao Carmelo de Los Andes, expressando o seu desejo de ser carmelita. A 11 de janeiro de 1919, acompanhada pela sua mãe Lúcia, que não deixou de a apoiar, foi visitar a priora do mosteiro, Madre Angélica Teresa, e inicia a preparação para a sua entrada apesar das lágrimas da família que isso implicava. Entra a 7 de maio de 1919.

No seu caminho até ao Carmelo sente-se guiada pelos seus diretores espirituais mas, sobretudo, pelos Mestres do Carmelo, que foram para ela um farol luminoso.

### *O seu Mestre Divino e os Mestres do Carmelo*

Deve-se dizer que o seu Mestre por excelência é o próprio Jesus, que a instrui interiormente, como afirma repetidamente no seu *Diário*:

“Em 1906 foi quando Jesus começou a tomar o meu coração para Si [...] Jesus, desde esse primeiro abraço (Primeira Comunhão em 1910) não me libertou e me tomou para Si. Todos os dias comungava e falava com Jesus por longo tempo. Mas a minha devoção especial era a Virgem. Contava-lhe tudo. Sentia a sua voz dentro de mim própria”. Jesus é o seu Evangelho e Maria o espelho em que se reflete.

Também se sentiu iluminada interiormente pelos Mestres do Carmelo. Das suas fontes, bebe Teresa dos Andes o melhor da sua espiritualidade, que lançam novas luzes no seu caminho até ao Carmelo. Sem dúvida, eles constituem um importante ponto de referência para descobrir a sua vocação, a sua mensagem e a sua missão na Igreja. Ela própria nos remete a essas fontes: Teresa de Jesus, João da Cruz, Teresa de Lisieux e Isabel da Trindade.

Juanita lê desde tenra idade a *Vida* e o *Caminho de Perfeição* de Santa Teresa de Jesus, que imprimem nela uma marca profunda. São várias as ressonâncias que encontramos nos seus escritos, particularmente sobre a

oração teresiana e as quatro formas de regar o jardim (cf. *Livro da Vida*, 11).

Mais tarde, alguns meses antes de entrar no Carmelo, lê a *Suma Espiritual* de S. João da Cruz, publicada em Burgos em 1900. A sua leitura aviva nela a chama de amor viva que já havia aprisionado o seu coração. À luz dessa leitura descobre muitas das experiências que tinha tido anteriormente.

Entre ambas as leituras está a leitura de Teresa de Lisieux e de Isabel da Trindade, duas figuras mais próximas dela, quase contemporâneas, cuja influência mudou a espiritualidade contemporânea. Teresa dos Andes confessa que sua vida é muito semelhante à dessas duas santas carmelitas francesas. De fato, nos seus escritos encontram-se muitas expressões e muitas ressonâncias.

### *O legado da sua experiência: Diário e Cartas*

Teresa dos Andes não é uma escritora propriamente dito, nem escreve para que os seus escritos sejam um dia publicados; escreve simplesmente para comunicar as suas experiências e partilhar os seus sentimentos e estados interiores aos seus interlocutores.

Para esse fim, em setembro de 1915, começa a escrever o seu *Diário* enquanto estudava como interna no colégio e termina-o no Carmelo. Descreve toda a trajetória da sua vida, embora com muitas interrupções. São páginas incandescentes, de uma extraordinária frescura, nas quais derrama toda a sua vida e toda a sua experiência.

Deixou-nos também um precioso legado de 165 *Cartas*, assim distribuídas: 84 à sua família; 37 às suas amigas; 23 aos seus diretores espirituais e 21 à Priora do Carmelo. São cartas escritas com grande ternura e transparência, que transmitem paz, alegria, felicidade, consolo e esperança, mas acima de tudo amor; um amor por todos, que encontra o seu manancial em Deus e na oração contemplativa do Carmelo.

São a expressão dos seus sentimentos mais profundos de amor, carinho, proximidade; são um reflexo de sua sensibilidade e sua maturidade humana e espiritual. Nelas vai descrevendo as próprias experiências com uma incrível simplicidade e transparência.

São de realçar as cartas que escreve ao pai pedindo a sua autorização para entrar no Carmelo; bem como as que escreve ao seu irmão Lucho explicando-lhe o significado da sua vocação; também as que escreve a sua irmã Rebeca, sua confidente mais íntima, a quem primeiro havia revelado o segredo da sua vocação.

São cartas muito semelhantes às escritas por Teresa de Lisieux às irmãs, comunicando-lhes o segredo do seu caminho da infância espiritual; e semelhantes às que escreve Isabel da Trindade a sua irmã Margarita partilhando com ela a sua missão de ser louvor de glória. Da mesma forma, Teresa dos Andes quer partilhar com a sua família as suas amizades e experiência de amor.

## *Uma luz no alto do monte: Irradiação eclesial da sua mensagem*

A espiritualidade de Teresa dos Andes atinge o mais alto reconhecimento eclesial da sua santidade, ao ser beatificada por S. João Paulo II na sua visita a Santiago do Chile (3 de abril de 1987) e canonizada pelo mesmo Papa em São Pedro (21 de março de 1993).

Na sua homilia de beatificação propõe-na como fonte de *alegria infinita* e como *modelo de vida evangélica para os jovens*. No mesmo ano da sua beatificação, os restos mortais da Beata foram trasladados para o novo Mosteiro de Auco (a 11 quilómetros de Los Andes) e posteriormente depositados na cripta do Santuário que foi inaugurado no ano seguinte. Aqui peregrinam massivamente, todos os anos, jovens e devotos de todos os cantos do Chile e de outros países da América do Sul.

O Santuário de Teresa dos Andes converteu-se num foco de irradiação da espiritualidade desta jovem carmelita chilena, que alcança toda a Igreja e atravessa as fronteiras da grande Cordilheira dos Andes, como um raio de luz que ilumina a nossa sociedade moderna secularizada, mas em busca de um novo sentido para a vida.

Como afirmou João Paulo II no dia de sua canonização na Basílica de São Pedro:

“Deus fez brilhar admiravelmente nela a luz de seu Filho Jesus Cristo, para que sirva de farol e guia para um mundo que parece cego pelo esplendor do divino. Para uma sociedade secularizada, que vive de costas para Deus, esta carmelita chilena, que com grande alegria apresenta como modelo da eterna juventude do Evangelho, oferece o testemunho limpo de uma existência que proclama aos homens e mulheres de hoje que no amar, adorar e servir a Deus estão a grandeza e a alegria, a liberdade e a realização plena da criatura humana. A vida da bem-aventurada Teresa grita de forma silenciosa desde o claustro: *Só Deus basta!*”.

À luz destas reflexões que quis oferecer à Ordem, evocando a figura de Teresa dos Andes, gostaria que nos sentíssemos convidados por esta sempre jovem carmelita chilena a seguir o seu caminho de santidade. Celebrá-la será também um incentivo a aprofundar os seus escritos e a difundir a sua mensagem de grande atualidade para o mundo de hoje.

Concluo destacando que esta celebração vem ao encontro da reflexão carismática que empreendemos neste sexénio. Sem dúvida será possível encontrar em Teresa dos Andes inspirações que sem dúvida enriquecem a nossa reflexão e nos ajudam a revitalizar o nosso carisma.

*Roma, 12 de abril de 2020*



**EL CAMINO DEL AMOR**  
Cátedra Edith Stein

**XI** Congreso de Antropología,  
Psicología y Espiritualidad  
**23-25 octubre 2020**  
presencial y on-line

**MATRÍCULAS ABIERTAS**

# Um desejo em tempos de tribulação

Saverio Cannistrà, OCD  
Prepósito Geral

Queridos irmãos e irmãs no Carmelo:

O que temos experimentado mais ou menos em todo o mundo desde há algumas semanas pode-se definir sem dúvida como uma prova. No Novo Testamento, há uma palavra *thlipsis*, que geralmente é traduzida por "tribulação", que talvez nos ajude a dar nome ao que estamos a experimentar. Não me refiro somente a um nome científico (como a pandemia de COVID-19) ou a um nome que expressa a nossa reação imediata (como emergência, guerra, calamidade), mas a um nome que nos devolve à história da salvação, à verdade de um Deus que falou aos homens, que se fez homem e continua a caminhar com os filhos dos homens.

O risco, efetivamente, é enfrentar este momento tão sério e importante, seja prescindindo por completo da fé ou, pelo contrário, recorrendo a uma religiosidade que tem pouco a ver com o Deus revelado em Jesus Cristo. O Papa Francisco advertiu-nos: "Não desperdicem estes dias difíceis!" É normal que cada um de nós, como cada cidadão responsável, siga escrupulosamente as regras para evitar a propagação do contágio, aceite generosamente os pequenos sacrifícios que isto implica e faça o que estiver ao seu alcance para ajudar os outros e criar em seu redor um clima de paz e humanidade. É igualmente normal que como crentes, recorramos a Deus orando pelos doentes, por aqueles que os ajudam, pelos muitos falecidos, pelos cientistas dedicados à procura de uma vacina, por todos aqueles que estão em condições de pobreza devido à crise económica. No entanto, há um nível mais profundo, que tem a ver com uma leitura crente da história, com a presença de Deus no meio das tribulações e provações da humanidade. É um nível em que talvez preferamos não entrar e permanecer em silêncio. O silêncio é de ouro quando é o espaço para a reflexão, a busca interior, a escuta em profundidade. No entanto, não é o caso quando é consequência de uma inércia do espírito e de um bloqueio do pensamento, quando nos limitamos a ingerir doses maciças de informação, sem as assimilar, avaliar e processar. Informação que não nos forma, mas que nos invade e nos dominam.

Portanto, é justo perguntarmo-nos: temos uma palavra que provenha do silêncio da meditação e que nos ajude para este tempo? Uma palavra crente e orante que nos possa guiar, que seja "lâmpada para os nossos passos e luz para os nossos caminhos"? Confesso que, diante de questões deste tipo, a resposta espontânea seria simplesmente: não, pelo menos por enquanto não a temos, e o reconhecimento desta pobreza já seria mais verdadeiro e mais valioso do que muitos discursos fáceis e às vezes enganosos. No entanto, não podemos permanecer tranquilos e ociosos quando nos falta essa luz e é nosso dever caminhar e acompanhar outras pessoas ao longo do caminho. Se nos preocupamos apenas com a emergência sanitária e a consequente crise económica, "o que estamos a fazer de extraordinário? Não fazem o



mesmo os pagãos?" (Mt 5,47). A nós é-nos pedido algo mais: "buscar gemendo", como disse Blaise Pascal, implorar, bater à porta sem nos cansarmos até que um raio de luz, um flash do céu se abra para nós e nos permita andar na verdade.

Com este espírito, volto à palavra do Novo Testamento: *thlipsis*, tribulação. Para começar, uma tribulação não é uma coisa boa, não é uma graça. Os seus sinónimos são: angústia, perseguição, fome, nudez, perigo (Rom 8, 35). Existe uma força de morte que funciona em todas as formas de tribulação e essa força põe-nos à prova, empurra-nos para a tentação, colocando-se entre nós e Cristo, entre a nossa humanidade débil e ferida e a força da Sua vida ressuscitada. A sombra da morte que o poder da tribulação projeta sobre cada um de nós é tal, que obscurece a visão d'Aquele que está mais além. Manter-nos-íamos separados da luz e da vida se nessa mesma sombra, nessa mesma morte não houvesse um vestígio, uma presença de vida. A tribulação, de fato, é sempre para o cristão o lugar pelo qual Cristo passou, ou melhor, por onde Cristo continua a passar e nos conduz à luz da Páscoa. Quando dizemos que fomos salvos, que acreditamos na salvação, acreditamos concretamente nisto: que o mal, a morte, já estão definitivamente derrotados. Mas também dizemos algo mais difícil de aceitar e, acima de tudo, de viver e testemunhar, a saber, que o encontro com a vida ressuscitada supõe sempre passar pelo mal e pela morte. A tribulação permanece o que é: experiência de dor e angústia, de perplexidade e aflição, mas à força que empurra para baixo, que esmaga e oprime, opõe-se uma força que empurra para a frente e para cima, atraindo e levantando. Toda a força negativa, humilhante e aniquiladora da tribulação consiste na tentação de nos separarmos de Cristo. E certamente cederíamos a essa tentação se a tribulação não fosse tribulação do corpo de Cristo. Se não fosse ferida do seu Corpo Crucificado e Ressuscitado, não seríamos salvos nem poderíamos sair

vitoriosos da luta; mesmo que amanhã, como que por de magia, a pandemia terminasse, mesmo que tudo magicamente recomeçasse como se nada tivesse acontecido, não estaríamos salvos.

Na *thlipsis*, há um movimento para a frente, como se em determinado momento a história desse um salto, uma aceleração em direção ao futuro. Creio que um dos elementos de consolação na tribulação (cf. 2 Cor 1, 4) é precisamente este: ser capaz de perceber a abreviação do tempo, o acercar-se do Reino. Podemos escutar, no silêncio deste tempo de emergência, aquele "silvo do pastor" quase imperceptível e que, no entanto, tem a força de nos levar de regresso a Ele e a nós mesmos n'Ele (cf. 4 Moradas 3, 2)?

Neste momento estamos confinados em casa, não temos liberdade de movimento. É particularmente difícil não poder celebrar a Eucaristia com os fiéis, ouvir confissões, ungir os doentes, celebrar o funeral dos muitos falecidos, acompanhar as famílias. Se nas epidemias do passado, religiosas e religiosos, padres e bispos estiveram na vanguarda, junto com os que sofriam, hoje isso não é possível. Estamos chamados a dar um passo atrás e a deixar espaço para médicos, enfermeiros e voluntários, que são os verdadeiros heróis desta pandemia do Terceiro Milénio. Eles recebem aplausos, gratidão e admiração das pessoas, como corresponde. Deveria isto preocupar-nos? A Igreja perde visibilidade e talvez até credibilidade? Há quem o pense e fale de decadência e subordinação da Igreja às autoridades civis. Entendo a amargura, compreendo o desconforto, mas porque é que esquecemos constantemente que os caminhos do Senhor não são os nossos caminhos e que os Seus pensamentos não são os nossos pensamentos? "Sem dúvida é uma grande graça receber os sacramentos; mas quando o bom Deus não o permite, também está bem, tudo é graça" (Teresa do Menino Jesus, Caderno Amarelo, 5.6.4). Porque é que continuamos a pensar que a Igreja deve impor-se no mundo com a força e a sabedoria do mundo? Se hoje nos é dada a oportunidade de viver um tempo de *kenosis*, um tempo de escondimento e perda, por quê rejeitá-lo? Recordei as palavras proféticas que o teólogo Joseph Ratzinger disse há cinquenta anos no rádio sobre o futuro da Igreja:

Da crise de hoje, surgirá amanhã uma Igreja e terá perdido muito. Ficará menor, terá que começar tudo desde o início. Já não poderá encher muitos dos edifícios construídos numa conjuntura mais favorável. Perderá adeptos e, com eles muitos de seus privilégios na sociedade. (...) Mas nessas mudanças que se podem supor, a Igreja encontrará de novo e com toda a determinação o que é essencial para ela, o que sempre foi o seu centro: a fé no Deus trinitário, em Jesus Cristo, o Filho de Deus feito homem, a ajuda do Espírito que durará até ao fim. A Igreja reconhecerá de novo, na fé e na oração, o seu verdadeiro centro e experimentará novamente os sacramentos como celebração e não como um problema de estrutura litúrgica. Será uma Igreja interiorizada, que não

suspira por um mandato político e não namoriska com a esquerda nem com a direita. Será muito difícil. De fato, o processo de cristalização e a clarificação custar-lhe-á muitas forças preciosas. Torná-la-á pobre e a converterá numa igreja dos pequenos. O processo será ainda mais difícil, porque terá de se eliminar tanto a estreiteza de olhares sectários quanto a voluntariedade encorajada.

Ratzinger disse que esta transformação levará tempo, e eu acrescentaria: serão necessárias tribulações para ampliar os nossos pontos de vista e dobrar nossa teimosia. Talvez, também faça parte deste processo, a tribulação que hoje nos cerca e nos encerra, e na qual nos sentimos totalmente impotentes.

As restrições à liberdade de movimento são o aspeto que mais nos impactam, porque nos obrigam a mudar radicalmente os nossos costumes. No entanto, pensando bem, não é tanto o espaço que nos falta, especialmente nós, frades e freiras, que geralmente vivemos em grandes edifícios, talvez até com um grande jardim. O que nos falta é o tempo. Agora apercebemos precisamente porque o temos demais. O tempo que temos faz-nos descobrir que não sabemos como viver do tempo e no tempo, que perdemos e, portanto, devemos encontrar a dimensão do tempo novamente. Hoje abundam os *runners*, *joggers*, *hikers*, *trekkers* ..., significativamente todos eles, termos de um idioma global, uma *koiné*, que provavelmente nem os anglófonos reconhecem como sua língua materna. Por outro lado, escasseiam os *viatores*, os caminhantes e os peregrinos no tempo. Os olhos do peregrino não estão fixos no caminho, mas na meta; o peregrino não se interessa pelos quilómetros percorridos, mas pelos que faltam para chegar ao lugar para o qual todo o seu ser está orientado. Porque é por isso que ele está a caminho, porque se sente atraído por algo que não está aqui, mas mais além, algo que ele não vê, mas que anseia.

A limitação da deslocação não impede em absoluto este movimento em direção ao futuro; pelo contrário, poderia promovê-lo e estimulá-lo. Hoje damos-nos conta de que para nós, não nos movermos significa estar sentado no presente como numa caixa vazia e frágil, que para não ceder deve estar cheia de coisas, de objetos concretos, sólidos e apropriados. Esquecemos o sentido da espera, não resistimos ao vazio e à tensão do desejo que surge da espera. De fato, esperar é próprio de quem ama, e não saber esperar significa basicamente não saber amar. Espera, cheia não de objetos, mas do sujeito amado nesse nosso espaço vazio dele. Por esta razão, a espera é também o momento de recordar, de rever a estrutura do tempo para reconhecer os traços, os sinais e as parábolas de quem já veio e virá, ou melhor que esta vindo "para garantir o seu tesouro, o meu tesouro. Sem memória e sem espera, o que restaria de nós próprios, pequenos humanos?

À espera do Ressuscitado, feliz Páscoa a todos!

Roma, 05 de abril de 2020

# Perfume para peregrinos

Frei João Costa, OCD

**1.** Ausência. E dor. Por estes dias prolongam-se ausências difíceis de aceitar e compreender. Raptaram-nos Jesus, melhor, a morte raptou-nos Jesus, e não O temos. Ou melhor ainda, julgávamos tê-lo definitivamente controlado e ao alcance, no túmulo. Mas a verdade é que as primeiras testemunhas foram lá e viram a sua ausência cheia de sinais conclamantes da Sua presença pela Sua vitória sobre a morte! Ausência do corpo é o que sentimos. Do corpo de Jesus e do corpo da Igreja, que é também Jesus.

Nestes dias de ausência física de Jesus e de ausência de sacramentos, tem a memória de ser presença e mediação e perfume entre nós. Onde quer que nos encontremos somos povo, povo de Deus, a caminho do céu.

**2.** Celebro todos os dias para um punhado de ausências; olho os bancos e vejo rostos (e não, não estou a delirar). Não tenho lá fotos, mas vidas. Pelo menos nos bancos mais próximos sei bem quem ali se sentava e em que missa. Passo os olhos pelos bancos e vejo histórias. Estão ausentes, é certo, mas eu continuo a dizer-lhes:

- O Senhor, esteja convosco; e devolvo-me;
- Ele está no meio de nós.

E Ele está no meio de nós, apesar de ausente. Entre nós há mais espaço, sim, mas eu digo-me:

- João: os caminhos e as casas, os comércio e os hospitais, os bosques e as gasolinhas, por onde agora corre ou define a vida, tudo é a tua igreja, tudo é o teu templo. Aí encontras o teu povo, deprimido, ansioso e assustado, ou ousado e inventivo, e enamorado sem direito a abraços e beijos, e tantos com a porta aberta para o desemprego e a pobreza...

Ele está no meio de nós, e não está ausente, que nós estamos aqui, em peregrinação, famintos, mas não de desejo de O celebrarmos no meio de nós («- Ai, senhor padre, que não vejo a hora em que nos digam missas!»). Ele está no meio de nós, no desejo, tal como a praia anseia pelo mar quando ele recua na maré vazia.

Ele está no meio de nós, e vêm ondas, e chegam ondas, e voltam ondas que nos trazem a ânsia de O sentir nos corações que latem de júbilo quando cantamos «Deus está aqui, / tão certo como ar que respiro, / tão certo como o amanhã que se levanta». Tão certo.

**3.** Ontem rondou a igreja uma figura estranha: meio celta, meio místico, alto, magríssimo, com um saco e um grande ícone mariano na mão esquerda. Hoje regressou. E foi-se. Ficou na igreja quatro horas a rezar. Diz-se irlandês, peregrino que ficou preso no caminho por causa das contingências do covid19. No fim da oração (numa aberta da chuva) tocou à campainha, para se despedir e fazer duas reclamações antes de partir: a igreja está com pouca luz, e o Menino da Senhora do Carmelo deveria estar vestido e não nuzinho, porque Ele só está despido na hora da Paixão! E foi-se...

Não sei que pensar deste peregrino. Sê-lo-á ou não, não sei. Sei que me agradeceu porque levava mais de um mês sem se aproximar de um sacrário, e finalmente pudera saciar-se aqui.

- Mas, disse-lhe eu, o templo de Deus está aí fora em todos os caminhos que percorres, em todas as casas que encerram o povo de Deus, e o sacrário está aí, no teu coração, donde brota essa fonte de amor e desejo a Jesus e à Virgem!

- Sim, mas nós que andamos cansados precisamos de um refúgio onde descansar e O poderemos adorar, que a vida não é só caminhar e lutar, mas também descansar a cabeça junto do Seu coração. E para isso precisamos dos sacrários!

Despedimo-nos. Fui para dentro, agradecendo de coração a visita da Igreja que me tinha vindo ver à minha prisão domiciliária, eu que ocupo o lugar de guardião das chaves do santuário, e me lamento de estar preso e só e abandonado pela Igreja!

**4.** Depois da missa que a diário celebro sozinho, vou à porta e abro. Há pessoas que se aproximam. Um perguntam se podem entrar, outras entram sem saudar; outras saúdam, passam e vão-se, algumas passam sem saudação.

Hoje, chegou-me, vagaroso, do fundo da Rua do Carmo um homem manquejando dolorosamente. Cruzou a rua, fora da passeadeira, encurtando a direção à porta da igreja. Vinha cansado, carrinho das compras na mão, máscara fortemente transpirada. Acenou-me ofegante e entrou; deixou o carrinho à minha guarda. À saída, lamentou-se:

- A mulher não pode fazer as compras, tenho de ser eu. E eu não posso, só me arrasto. O que vale é que há no caminho uma igreja onde a gente possa descansar durante um Padre Nosso.

E sem mais foi-se... E eu fico-lhes unido, mesmo que separados entre nós pelo caminho que nos une.

Ausências? Sim, ausências dolorosas. E presenças de outros modos a que teremos de nos afeiçoar até à ressurreição plena. Que caminho!...

**5.** Tenho auscultado ainda o coração sofrido do Papa. Doem-lhe como a mim tantas ausências, chora pelos que choram, chora com os que choram.

Sinto-me especialmente tocado com a unção das suas palavras, quando nos diz que este tempo de peste revelou como tanta gente, insignificante ou não, aportou um grãozinho de saúde e calma, de esperança, doçura e companhia aos demais.

E sinto-me ainda mais tocado, quando Francisco nos recorda que na manhã da ressurreição as mulheres não O viram morto, mas ressuscitado. Quer-se dizer: neste tempo nós mirámos O(s) morto(s), mas Ele vai sempre à nossa frente; sim, até na era da peste Ele está connosco, bem à frente, guiando, vencedor, os nossos passos.

Ah, meu Deus, encontro-me preso e confinado em casa, batendo uma e outra vez ao coração do Espírito, porque não vejo a Igreja, e tu vens dizer-nos que a Tua ausência discreta é, afinal, o sinal maior da Tua presença forte. Que estás aqui, connosco, mas de outra maneira.

**6.** Trazemos perfumes nas mãos de que Jesus já não precisa. E há tanta solidão precisando deles.